

FOTOS: JOÃO VIEIRA JR.



Dizendo-se o legítimo cacique da tribo, João Gomes defende as tradições indígenas

Impasse

Cacique diz que religião gerou conflito em aldeia

João Gomes quer impedir imposição de evangélicos

CARLOS RATTON
 Da Sucursal

Acusado de, com a ajuda de seu grupo, expulsar 18 famílias, destruir barracos e implantar terror na Aldeia Bananal, em Peruíbe, o cacique João Gomes resolveu dar sua versão sobre o conflito na área que já dura seis dias. Conforme explicou a *A Tribuna*, o impasse deve-se à postura do cacique nomeado pela Funai para substituí-lo, Davi Honório Cardoso, que vem tentando impor a religião evangélica na aldeia, destruindo a cultura e tradição da tribo.

Cercado por seus filhos — todos pintados e armados de arco e flecha — no interior da aldeia, que fica a 18 quilômetros do centro de Peruíbe, o cacique Kirinrinjü, como é conhecido pela comunidade tupi-guarani, revela um lado da história que até então não conseguia ultrapassar os 200 alqueires da reserva, até ontem isolada do resto da Cidade em função do

confronto.

Segundo o cacique, a religião evangélica, seguida pelo grupo de Davi Honório Cardoso, é a responsável pela divisão dos grupos e pela briga interna se arrasta há anos na Aldeia Bananal.

“O centro das discussões é a imposição do grupo liderado por Davi Cardoso, com o respaldo do ex-chefe da Funai, José Maurino Kirsten, de impor a religião e instalar uma igreja evangélica na aldeia, o que eu e meu grupo não concordamos pois, além do estatuto dos índios proibir, a religião dos brancos extermina nossa cultura, origem e identidade. Além disso, divide a tribo e prega uma política que só interessa a quem segue a religião evangélica”.

Segundo ele, a religião promove conflitos e divide interesses quando parte da aldeia não concorda com as determinações impostas e a maneira de pensar e agir dos evangélicos. “O grupo de Davi chega a ir para a beira da estrada, que dá acesso à al-

deia, para xingar e jogar pedras nos índios que não fazem parte da religião deles, causando uma rivalidade muito grande, que hoje se tornou insustentável”.

Terra — O cacique João Gomes também desmente boa parte da versão apresentada pelo grupo que saiu da aldeia, sob a alegação de que foi expulso violentamente porque João Gomes estaria interessado na posse das terras da reserva.

“Essa versão apresentada por Davi e seu grupo não tem fundamento. As terras da reserva são da União e não minhas. Eles (grupo de Davi) jamais foram expulsos da aldeia. Meu problema é com o Davi, que é um cacique escolhido por José Kirsten e imposto pela Fundação Nacional do Índio (Funai). Outra coisa que precisa ser enfatizada é que eu sou o real cacique da Aldeia Bananal, pois isso é uma tradição que passa de pai para filho. Um cacique indígena não pode nunca ser nomeado”.

Acusação de violência é contestada

O cacique João Gomes assegura que toda a violência ocorrida na aldeia partiu, primeiramente, do grupo de Davi. “Na verdade, através da religião, esse grupo quer dominar a aldeia. O grupo de Davi vinha fazendo reuniões às escondidas, com o objetivo de me tirar o controle da tribo. Eu faço parte de cinco gerações de índios que vivem aqui e não aceito imposições”.

Conforme salientou, todos os índios que não aceitam ingressar na religião evangélica são perseguidos e menosprezados por Davi. “Até a minha família já foi ameaçada de morte. Temo pela segurança de uma das minhas filhas, que cursa Magistério na Cidade e chega à noite”.

O cacique negou ser responsável pelo clima de terror imposto na aldeia e do incêndio de algumas casas. Disse, também, que não tomou à força o posto da Funai, instalado na aldeia. “Ontem, veio o pessoal da Funai, da Polícia Federal e da Procuradoria da República e constatou que estou no posto por suges-

tão da própria Funai, tendo em vista que minha casa está sendo reformada, cujo material de construção, que foi prometido pelo órgão, ainda não chegou. Além disso, se eu saísse do imóvel, quem me garante que o grupo de Davi não o ocuparia o ade- quaria para fins religiosos?”.

Ex-chefe — Gomes mantém a posição de não aceitar o retorno do ex-chefe da Funai, José Maurino Kirsten. “Ele tinha espaço dentro da aldeia. Mas, com o tempo, percebi que ele começou a tomar umas atitudes que contrariavam nossos costumes e tradições, como por exemplo, tirar madeira, areia e fazer carvão dentro da reserva. O Tupi-Guarani é muito apegado à natureza e não aceita qualquer tipo de devastação. Outro problema, é que a primeira coisa que Kirsten fez foi morar fora da aldeia. E o posto da Funai, que foi construído com muito esforço, desde 1970?. Desde que Maurino veio para cá a situação vem piorando, porque ele não vinha, sequer, cumprindo

uma de suas obrigações, que é fiscalizar a aldeia”.

Tóxico — O cacique se diz “um praticante de Pajé” e, por isso, nunca pregou a violência. Ele confirmou a existência de armas, mas disse que esse é um costume também de fazendeiros e sitiantes das imediações. Quanto ao consumo de tóxico, especialmente a maconha, o cacique revelou: “Antigamente, o consumo de maconha era comum em algumas aldeias. Hoje, o consumo vem diminuindo gradativamente. Eu, particularmente, não sou contra, desde que não prejudique o próximo e cause problemas para a comunidade indígena. Nossa maior preocupação, na verdade, é quanto a preservação de nossas crenças, tradições e identidade. Os evangélicos vêm para cá em ônibus de excursão lotados, jogam sujeira e detritos por todos os lados, causando danos ao meio ambiente. Eles vêm tentando acabar com nossas raízes, nossa tradição e cultura, que é muito rica. E isso eu nunca vou aceitar”.



Os integrantes do grupo liderado por João Gomes negam ter tomado à força o posto da Funai

Aldeia mostra vestígios do confronto

Ao contrário do clima de hostilidade observado nos últimos dias, as famílias que permaneceram na Aldeia Bananal mostravam, ontem, uma aparente tranquilidade. Os índios revelaram que muitas famílias já estavam retornando para a aldeia e, embora algumas casas apresentassem vestígios de violência — parcialmente queimadas e destruídas —, o ambiente era estável, a ponto de alguns curumins (crianças) permanecerem brincando nos arredores das edificações e, até, na estrada que dá acesso à tribo.

A impressão inicial de resistência à aproximação da equipe de *A Tribuna*, percebida no semblante fechado dos filhos do cacique João Gomes, que perficaram boa parte do tempo pintados e com arco e flechas em punho, logo deram lugar para uma expressão mais branda e até conciliadora.

O índio Guaraci Jorge Souza Gomes, o Uwidju, filho do cacique, reafirmou que a violência nunca partiu de sua família. “Muito pelo contrário, eu é que fui

agredido na última sexta-feira. Eu estava voltando da feira e, ao chegar próximo da aldeia, vi um carro parado, de onde saiu um homem, acompanhado de Davi, que se identificou como policial federal. Esse homem jogou minha bolsa no chão e começou a me espancar, junto com o Davi. Enquanto me batiam, Davi falava que quem mandava na tribo era

Essa igreja vem tirando toda a cultura do nosso povo
 Guaraci Souza Gomes

sua mulher, Guaraci disse ainda mais. “Eu quero que minha filha seja uma indiazinha, que cresça com nossa cultura. Essa igreja vem tirando toda a cultura do nosso povo. Eles distribuem cestas básicas para uns e para outros não. Eu perdi um filho porque uma verba, destinada à saúde dos índios, ficou nas mãos de Davi e não foi repassada para a comunidade”.

Encontro — O administrador regional da Funai, Rômulo Siqueira de Sá, disse, por telefone, que esteve ontem no Ministério Público, em Santos, acompanhado do atual chefe da Funai da região, Aurino Januário, o cacique Davi Honório Cardoso e lideranças indígenas, para explicar a situação e encontrar uma forma de solucionar o impasse criado na Aldeia Bananal.

Ele disse que foi marcada para hoje, às 9 horas, em local não definido até o início da noite de ontem, um encontro com o cacique João Gomes, com objetivo de resolver definitivamente a questão.



Os índios rebelados destruíram algumas casas e a igreja que vinha sendo erguida no local